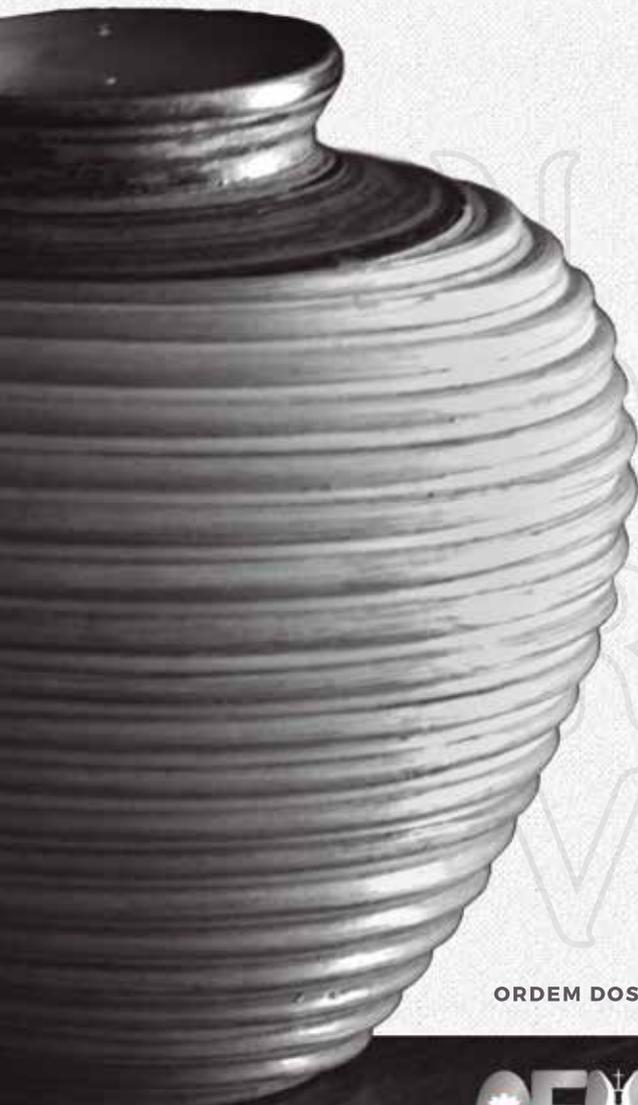


---

**SAUDAÇÃO DO MINISTRO PROVINCIAL**  
*POR OCASIÃO DA PÁSCOA DE 2018*

---



**VINHO  
NOVO  
ODRES  
NOVOS**

MC 2,22

**ORDEM DOS FRADES MENORES CONVENTUAIS**





**Saudação do Ministro Provincial**

Por ocasião da Páscoa de 2018

“Ninguém põe vinho novo em odres velhos,  
senão, o vinho arrebenta os odres,  
e perdem-se o vinho e os odres.  
Mas, vinho novo em odres novos!” (Mc 2,22.)

Queridos confrades, noviços, pré-noviços e postulantes,  
Às queridas irmãs clarissas,  
Irmãos e irmãs da Ordem Franciscana Secular

“O Senhor vos dê a paz”.

Novitas francicana e o discernimento

Com essa palavra do Evangelho de Marcos citada acima, quero estender a todos os membros de nossa Província, frades, noviços, pré-noviços e postulantes, e a todos que conosco compõem a família franciscana, a minha saudação pascal. A cada ano minhas cartas pascais tornam-se a possibilidade de refletir a espiritualidade do ressuscitado em nossa vida de consagrados. De fato, a ressurreição de Nosso Senhor torna-se a base de nossa fé, é por causa dela que nos desgastamos como vela acesa e permanente no serviço do Reino. É essa, com certeza, o elemento primordial da novidade franciscana. A ressurreição nos apresenta um caminho de possibilidade, de comunhão e de perdão.

A ressurreição foi e é, toda a novidade do mundo franciscano, pois para além da Cruz de S. Damião, com uma estética bizantina, revela-se um Senhor Jesus Ressuscitado. Há, pois, muita vitalidade neste pitoresco Jesus, que é de fato Cristo vivo e relacional com as criaturas.

Na expressão “vinho novo” do segundo capítulo do Evangelho de Marcos, descobrimos que a vida religiosa franciscana deve ser uma novidade constante que desperte o mundo. Evidentemente, a maravilha característica da vida consagrada é a capacidade de renovar-se, de ser uma vanguarda no pensamento espiritual e teológico da Igreja, eficaz, perene e profético. Como disse o Papa Francisco aos Superiores Gerais, “a radicalidade evangélica não é própria só dos religiosos: é pedida a todos. Mas os religiosos seguem o Senhor de uma maneira especial, de modo profético e em forma de anúncio”. Esta é a prioridade que agora se requer: “ser profetas que testemunham como viveu Jesus nesta terra (...). Um religioso não deve jamais renunciar à profecia” (Papa Francisco aos Superiores Gerais em 29 de Novembro de 2013).

Portanto, nesta carta quero-vos recordar da novidade com a lógica de Jesus que foi capaz de dialogar com as velhas coisas, com as diferenças e por fim, com o homem e a mulher de seu tempo, fragmentados pelo desgaste da profecia de um tempo e ansiosos pelo amor misericordioso do Pai.

## 1. A novitas franciscana

Com esta expressão singular, “novitas”, empregada pelos teóricos do franciscanismo, recordamos a envergadura profética da inovação que foi a vida de Francisco. Com base na graça das origens, que não significa um estacionar-se no passado com saudosismo, mas sim o nascimento para a vocação, percebemos que o conteúdo da vida do Seráfico Pai, que nos fora ensinado na formação inicial, em primeira instância, assimila-se aos primeiros testemunhos da ressurreição, a capacidade de anunciar a boa nova encantadora da felicidade, da fraternidade, do amor entre os irmãos e por fim, da luz, da vida, de verdade, da alegria franciscana. Quantas vezes ouvi os irmãos narrarem sua alegre recepção na Ordem no início da formação franciscana. Para muitos, uma felicidade nunca antes experimentada! Uma novidade sem repetições! Um renascimento! Uma nova vida!

A novitas franciscana dar-nos saber que não estamos sozinhos e desamparados no caminho da morte, mas o ressuscitado está conosco no seio da fraternidade. Ora, há vida em todo o anúncio! Percebê-lo e tê-lo como elemento fundamental da vida franciscana é dar manutenção à nossa fé, ao nosso ânimo, à nossa expressão de estar no mundo. Como é belo ver a juventude franciscana despertada por essa moção concreta de fé, como se fosse um “vinho novo” que, suportados pela novidade, tornam-se tão adaptáveis ao mundo em que vivemos. Este que por vezes sentimo-nos desfalecidos ou desanimados. Aliás, o próprio Evangelho de Lucas, descrevendo a mesma parábola do velho e do novo (Lc. 5,36-39), nos contextualiza uma provocação que sublinha a dificuldade de dialogar com as velhas mentalidades.

A expressão “vinho velho” entendida pela lógica da Boa Nova de Jesus, nesta citação bíblica, acentua uma tradição judaica que valoriza a dinâmica da Lei, a saber: “ninguém que tomou vinho envelhecido deseja vinho novo, pois diz: O velho é melhor! (Lc 5,39). Assim compreendemos o quanto foi impactante e remoto entender a novidade do estilo de vida e discurso de Jesus. Paradoxalmente, para nós, frades, irmãos e leigos franciscanos a novidade de Francisco também nos impactou e continua a impactar. E assim, nos perguntamos: porque será que a ressurreição é a grande novidade da vida franciscana?

De fato, os que vivem a partir da manutenção da vida e dos esquemas habituais, não estão propensos à inovação, e assim o impacto é maior. A novidade de Jesus foi antes de tudo lançar sementes em um mundo onde o rosto misericordioso do Pai não era mais possível, pois havia uma distancia, em fase crítica, entre o Criador misericordioso e a criatura pecadora. Perdoar os pecados e acolher toda a pessoa no seu mistério de sofrimento, de liberdade e, até mesmo, de erro, é uma novidade radical do tempo de Jesus.

Em S. Francisco, essa radical liberdade é implementada no beijo do leproso ou ainda, no acolhimento do pobre, nem sempre social, mas existencial. Encaixar-se na minoridade dos outros foi a grande novidade de Francisco, recorda-se aqui o mesmo anúncio na Encíclica *Evangelium gaudium* que diz: “O Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado” (EG 88).

Esse confronto é tão simples quanto exigente. Já em 1216, Jacques de Vitry em sua crônica, chama, pela primeira vez, o grupo de Francisco de “frades menores”. E, na primeira Regra escrita (1221), este nome é oficializado: “todos do mesmo modo sejam chamados frades menores” (Rnb 6,3). O título “frades menores” tem para Francisco uma origem evangélica, embora não se possa excluir a influência dos maiores et minores da sociedade daquela época. Quando se despojou diante de Pedro Bernardone e do bispo, ele descobriu a paternidade única de Deus (2Cel 12); e depois o Senhor lhe “deu irmãos” (Test 14): a fraternidade foi um dom do Deus Altíssimo que lhe fez vivenciar a minoridade contagiante do Evangelho.

A novidade franciscana é, antes de tudo, um estilo de comunicar-se, de estar no mundo e de confrontar-se com Deus e com a fraternidade, diria: é a mesma novidade implementada por Jesus no contexto do oferecimento da face para o outro bater, ou mesmo de doar sua túnica, caso tenha duas (cf. Lc 3,11). Essa nova mentalidade de S. Francisco revela uma profunda contradição com a realidade de uma época cheia de intolerância, preconceito e exclusão.

Francisco revela-se menor e de plena condição humana, com suas fragilidades, limitações e, mesmo assim, doa tudo de si para o outro.

Hoje, essa novidade exemplar torna-se uma excelente resposta para um mundo que desenvolveu forte sensibilidade pela autoestima, a liberdade, a subjetividade do indivíduo, que deseja ser autônomo, livre e artífice da própria história e das próprias escolhas, mas, que no fim, sente-se só, porque o cuidado pelo outro, o oferecer-se, não está presente.

Instaura-se, assim, contínua tensão, entre o referimento institucional (utópico) e o individual (subjetivo). O lado problemático desta sensibilidade é o fechamento do indivíduo no seu modo de pensar e de viver, centrado sobre si mesmo, sem perceber o quanto a novidade de Jesus e de Francisco poderá corresponder a um sentido pleno de vida. E o que ela nos ensina? Como ela se apresenta como um vinho novo em odres novos? Eis uma boa questão para esta páscoa, tempo de passagem e adaptação aos novos tempos.

## **2. A minoridade, vinho novo pra essa sociedade**

Quase como um chamado à adaptação dos tempos será a nossa capacidade de cultivar o vinho novo em odres novos, em esquemas novos, quando, quase que engolidos pela multiplicação de informações desta sociedade, somos convidados a aceitar que as velhas fórmulas já passaram, passou o tempo dos muitos, dos tempos estáveis e sólidos da vida humana, há, como diz o teórico, liquidez em tudo que nos circunda. Há sempre uma desconfiança pairando no ar. Há muita competitividade e pouco tempo pra criar, assimilar e discernir. Há muita relatividade nas palavras, por fim, “a humanidade vive neste momento uma viragem histórica, que podemos constatar nos progressos que se verificam em vários campos” (EG 52).

Estamos cada vez mais aparelhados com iPhones, tablets, notebooks, etc. Tudo para disfarçar o antigo medo de nós mesmos e da fragilidade humana. O contato via rede social tomou o lugar relacional de boa parte das pessoas, cuja marca principal é a ausência de comprometimento e uma face virtual da felicidade. É a ideia do “ser líquido”,

característica presente nas relações humanas hodiernas. Parafraseando Zigmunt Bauman, em sua obra “Amor líquido”, intuímos que se faz necessário entender que nossas relações agora se misturam e se condensam com laços momentâneos, frágeis e volúveis. Num mundo cada vez mais dinâmico, fluído e veloz. Seja real ou virtual, são estes os odres novos “vazios e disponíveis” na modernidade.

A discrepância no mundo em que vivemos leva-nos, nestes tempos, a reduzir conteúdos existenciais em algo puramente sociológico. A reduzir espiritualidade em virtualidade, a arte em uma estética desarmônica e, por fim, uma espécie de vinho novo em odres frágeis que rompem os esquemas mais lógicos do Evangelho. Necessitamos de uma hermenêutica viva, nova e construtiva para compreendê-la. Trata-se aqui de constituir uma nova orientação que tomará um seguimento novo, sem perder os valores e conteúdos, mas que, essencialmente, revele profecia e carisma, vívidos em esquemas adaptados e, talvez, inéditos.

Ora, esse “vinho novo” só será possível se as discrepâncias forem superadas. Não que queiramos mudar os conteúdos que somos nós, com nossa fé, com nossa existência, o ideal aqui não é modificar nossa natureza constitutiva. Simbolicamente expressada no vinho novo, eu e você somos o que somos nesse momento da vida, “somos a novidade desta vida agora”, portanto, os odres onde inseri-la é que devem ser constituídos em valores mais solidificados, seriamente inseridos nas dimensões do mandato divino de viver, de ser feliz e de consolidar decisões e vivências, que nos digam que tudo vale a pena na dimensão do “cuidar e servir” para o Reino, pois assim, nós, religiosos, imitaremos a Cristo.

A minoridade na espiritualidade de um franciscano é esse ‘odre novo’ que não se projeta por uma forma de apresentar-se fictício, mas em uma forma de ser, de ver, de estar significativamente no mundo. A minoridade é uma escola de paciência do ser humano, de humilhação, de reconhecimento de limitação, que comporta muita humanidade, verdade e sinceridade diante de Deus. Essas são medidas essenciais nesse processo pascal. Portanto, valho-me das inúmeras citações e linha de espiritualidade e raciocínio do Papa Francisco que nos inter-

pela ao discernimento e diz: “Um religioso que se reconhece fraco e pecador não contradiz o testemunho que é chamado a dar, mas na realidade, reforça-o, e isto faz bem a todos” (cf. Papa Francisco aos Superiores Gerais...).

É primordial nesse processo entender que tantas vezes confundimos minoridade com uma condição rebaixada. Não é de forma nenhuma, uma negação da grandeza ou dignidade da criação de Deus, mas um colocar-se no lugar de quem pecou, colocar-se no lugar do “odre”, despreparado e incondicionalmente diferente da realidade. Como é desconcertante perceber o que, metaforicamente, nos diz o Evangelho ao analisar a possibilidade de um remendo novo em pano velho (Cf. Lc 5,36). A minoridade não nos permite o desconcerto com a condição humana de criatura de Deus. Ela é essencialmente o que somos diante D’Ele: menores. Eis o vinho novo que convence diante dessa sociedade, dessa Igreja e desse mundo atual.

A minoridade compreende o estado de cuidar, de ser simples e dar um testemunho diferente, inerente aos “reclames universais” de um protesto que imita a Cristo. Na dinâmica que nos indica S. Francisco, um desapropriar-se de si para os outros, uma profecia renovada que nos empenha em saber viver a “diferença” cristã e franciscana. Aquela diferença que São Paulo pediu aos cristãos de Roma: “Não vos conformeis a este mundo, mas deixai-vos transformar, renovando o vosso modo de pensar, para poder discernir a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito” (Rm 12,2). A mesma diferença ou especificidade que constituía “o ideal generoso, amável, perfeito” (2 Cel prologo, 2) de São Francisco, o qual “sempre se preocupou em conhecer e seguir a vontade do Senhor” (LP 6).

Em relação às nossas estruturas, a minoridade é aquele “vinho sempre novo” do Evangelho e da nossa forma de vida, que necessita de “odres novos”, isto é, estruturas novas ou renovadas que estejam a serviço da vocação completa dos frades, e que promovam e facilitem a animação e a fidelidade ao nosso ser irmãos em missão para os outros e de modo especial para o serviço da Ordem.

Enfim, o vinho novo que nós frades podemos portar neste momento da vida e para este mundo de hoje é isso, ceder, dar espaço e criar espaços de comunhão, serviço e humildade que leve um testemunho de simplicidade humana e acolhedora.

### **3. O discernimento para que o vinho novo não venha a romper os odres velhos**

A metáfora utilizada por Jesus na parábola colabora na compreensão e discernimento como parte integrante de qualquer carisma hoje. O Papa Francisco afirmou: “Vinho novo” são os jovens que pedem para entrar na vida consagrada. “Odres novos” são as estruturas de acolhida e de formação, inicial e permanente, afim de que aquele vinho se torne “vinho generoso capaz de renovar a vida da Igreja e alegrar o coração de muitos irmãos e irmãs” e “a história nos ensina, diz o Papa Francisco, que as boas estruturas servem quando existe uma vida que as anima, que as sustenta e que as avalia” (EG 26).

Portanto, o discernimento, seja para o tempo de Francisco de Assis como para os dias atuais, é uma chave de leitura para confrontar-se com a realidade. Quem está no modo standby precisa começar a perceber que os tempos são outros, que a vida muda e pessoas passam, e que muitas coisas não podem ser tratadas nem discutidas como se fazia à maneira de vinho velho em odres velhos, mesmo que por muito tempo esse foi o melhor modo de confrontar-se com a realidade.

A nossa Ordem está mudando, nossa Província já é outra e assim por diante. Já não dá pra voltar atrás, essa é a nossa nova realidade, esse é o “vinho novo” que com discernimento o levaremos a não romper com os “odres” ainda existentes e ativos na dinâmica de nosso serviço e fraternidade. Em seu livro sobre o discernimento, Rupnik afirma algo bastante reflexivo, que serve para estes tempos: “O discernimento é a arte de falar com Deus, não falar com as tentações, nem com aquelas sobre Deus” (Rupnik. O discernimento, Paulinas, 2008, p. 22). E creio eu que nossa maior tentação é não revigorar e reformar os odres velhos para receber o “vinho novo”, aí caímos em impasses abstratos e pouco construtivos para a finalidade de nossa missão. Ficamos perdendo tempo com nossas tentações de manter os mesmos esquemas de antes.

Há, com certeza, sempre uma tentação de ceder às tentações e ideias egoístas sobre o que quero decidir ou optar. O discernimento que, por sua vez, se apresenta na dinâmica da atitude, de exercício e da busca, realmente não cairá do céu sem participar das evidências da realidade, assim diz o Papa Francisco referindo a este modo radicado na história de conceber a fé: “No seu constante discernimento, a Igreja pode chegar também a reconhecer costumes próprios não diretamente ligados ao núcleo do Evangelho, alguns muito radicados no curso da história, que hoje já não são interpretados da mesma maneira e cuja mensagem habitualmente não é percebida de modo adequado. Podem até ser belos, mas agora não prestam o mesmo serviço à transmissão do Evangelho. Não tenhamos medo de os rever! Da mesma forma, há normas ou preceitos eclesiais que podem ter sido muito eficazes noutras épocas, mas já não têm a mesma força educativa como canais de vida” (EG 43).

Na vida de S. Francisco essa dinâmica percorre o estado de sua conversão, de sua busca, de sua escuta silenciosa e, muitas vezes, angustiante. De ir abandonando tudo para compreender a vontade de Deus. Por isso, há de se ter em conta que “o discernimento não é um cálculo, uma lógica dedutiva, uma técnica de engenharia pela qual faço, habitualmente, o balanço de meios e fins, nem uma discussão, uma busca da maioria, mas sim uma oração, a ascese constante da renúncia ao próprio querer, ao próprio pensamento, elaborando-o como se dependesse totalmente de mim, mas, ao mesmo tempo, deixando-o totalmente livre” (Rupnik. O discernimento, p. 31) à vontade de Deus.

Na dinâmica de S. Francisco, o discernimento é praticamente a docibilitas ou o deixar-se moldar por Deus. Ela deve se tornar aquisição para todos nós, em um processo que às vezes dura toda uma vida. Praticamente é esse o percurso natural do Espírito Santo no frade menor, torná-lo dócil à vontade de Deus. O testamento de S. Francisco nos dá o testemunho disso: “...aquilo que me parecia amargo, se me tornou em doçura de alma e corpo” (Test. 3).

O discernimento que nos convida Francisco de Assis e o Papa Francisco, nos poderá revelar um caminho de misericórdia, diálogo, paciência e escuta. Hoje, temos a tendência, por insegurança, de que-

rer agir rápido, sem analisar, ouvir e discernir. Há também uma tendência à intolerância e ao ódio. Uma igreja e uma vida religiosa que, por vezes, se apresenta corrompida e dividida pela dialética dos direitos e do poder. Há uma tentação de subtrair o outro sem ser autor dela, usando dos meios tecnológicos e de pessoas alheias à nossa família para colocar-se oculto. O resultado mais judicioso disso será a paciência com quem comete o erro e assim, acabamos nós por errar, por omitir o tempo necessário do discernimento.

Assim diz o Papa: “Os consagrados e consagradas, peritos no Espírito e conscientes do homem interior no qual habita Cristo, são convidados a se moverem ao longo destes caminhos, opondo-se ao diabólico que divide e separa e libertando o simbólico, ou seja, o primado da ligação e da relação presente na complexidade da realidade criada, “o desígnio de recapitular em Cristo todas as coisas, as do céu e as da terra” (Ef 1,10). E ainda S. Francisco: “E nisto quero conhecer se tu amas ao Senhor e a mim, servo seu e teu, se fizeres isto, a saber: que não haja nenhum frade no mundo, que tenha pecado tanto quanto puder pecar, que depois que tiver visto teus olhos, nunca se retire sem a tua misericórdia, se buscar misericórdia” (Carta a um ministro, Fontes Franciscanas, Vozes, 2004, p. 119).

O discernimento ajudará o frade menor a entender e clarificar os caminhos adequados à transmissão da verdade, atualizando-os para a face misericordiosa de Deus, o “vinho novo” adequado e preparado para os odres novos de nosso tempo, e assim sendo, o discernimento nos moverá em direção aos novos caminhos que nos interpelam a ir adiante adequando a vocação franciscana à sua identidade mais simbólica e visível, que é a minoridade.

O conflito de identidade é uma das crises do mundo de hoje. Para a vida religiosa franciscana, os sinais da crise podem ser reconhecidos ao menos nos seguintes aspectos: a “diminuição” veloz do número de frades e a qualidade da vida religiosa (poucas vocações, envelhecimento, doenças psicossomáticas e invalidez religiosa e pastoral); o nivelamento ao mínimo da vida dos religiosos; o

aburguesamento do estilo de vida; o individualismo crescente (no centro não está Deus, mas o “eu”); o ativismo exagerado e a perda do “espírito” (secura espiritual); apostolado entendido e vividos mais como obra ou atividade (de suplência) do que como “testemunho”; “duplicidade” de pertença (religiosos que se identificam demais com os movimentos eclesiais) e ai por diante.

O discernimento nos fará compreender esses fenômenos e esses conflitos à luz da primazia da misericórdia e do perdão, da novidade de ajudar o irmão a crescer na minoridade como lugar de aceitação dos limites de nós mesmos. Só será verdadeiramente discernimento se perpassar pelo humanun. Chamaria a atenção aos nossos modelos relacionais. Eles manifestam as vezes que não superamos os desentendimentos do passado, as mágoas não perdoadas e cedemos à logica do mundo de vingança e ódio, uns com os outros, a fim de destruir a pessoa e por fim acabamos por denegrir a Igreja, a Ordem, a Província e em síntese, o testemunho de minoridade que o mundo espera de nós.

Quando esta virtude nos falta, pode acontecer que todo um projeto de Igreja e de Ordem, pautado na reconciliação e na misericórdia, venha a ruir, pela incapacidade de discernir, dar tempo e compreender. Por fim matamos a vocação de tantos irmãos e irmãs nossos, porque simplesmente esquecemo-nos de discernir. “É preciso realmente entender isto: na vida, não é tudo preto no branco ou branco no preto. Não! Na vida, prevalecem os tons de cinza. Então, é preciso ensinar a discernir nesse cinza.” (Papa Francisco aos Jesuítas, *La Civiltà Cattolica*, 25-08-2016).

Assim sendo, vale acentuar que não nos falta a esperança para que ilumine uma nova geração, que traga no coração a pergunta da atualização do nosso carisma, a pergunta de como e de que forma estaremos neste mundo como frades? Que sejam capazes de suplantar o erros do passado e acertar para o futuro. Trazendo em síntese, a ressurreição de Jesus como ‘novo vinho’ a crescer em novidade junto a um ‘novo odre’ adaptável às coisas novas.

## **Conclusão**

Com essas palavras “vinho novo”, “odres novos” e novidade franciscana, quis exemplificar o caminho pascal para cada um de nós, frades menores conventuais, irmãs e irmãos nossos. O convite sempre novo de Nosso Senhor Jesus Cristo nos recorda a capacidade de cuidar de nossa vocação e de nos projetar para o futuro de transfiguração, de mudança e adaptação aos novos tempos.

Por fim, a Páscoa nos recorda a vida nova em Cristo, vida nova nos ideais que nos fazem adaptar nosso carisma e nossa linguagem de fé, de partilha e de amor. A base da novidade pascal franciscana é uma espera em Deus, autor de toda a vida e de toda a obra. É Ele, enfim, o caminho do Reino dos Céus.

**Frei Marcelo Veronez**  
**Ministro Provincial**





**ORDEM DOS FRADES MENORES CONVENTUAIS**